

Antônio Emilio Morga*

Mônica Maria Lopes Lage**

Fecha de recepción: octubre de 2015

Fecha de aceptación: diciembre de 2015

Resumo

Este artigo se propõe a investigar a construção das imagens das mulheres da cidade de Nossa Senhora do Desterro (atual cidade de Florianópolis/SC) e da cidade de Manaus/AM no olhar dos viajantes estrangeiros que visitaram estas regiões ao longo do século XIX. Ávidos pela descoberta do novo mundo estes viajantes formularam juízos éticos e morais sobre a população que visitaram. Entretanto não podemos esquecer que os viajantes não possuíam um olhar linear sobre os usos e costumes dessas populações. Seu olhar era oriundo de sua formação intelectual e moral. Entre eles encontramos aventureiros, botânicos, médicos, engenheiros e mercenários. Sem compreender que princípios morais, éticos e culturais essas mulheres se encontravam e sem perceber a dinâmica da sociedade brasileira os viajantes formularam seus juízos de valores a partir do universo cultural europeu no qual estavam inseridos. Pode-se dizer que não foram somente os viajantes que questionaram as atitudes e os comportamentos da população feminina das localidades estudadas. Neste período

* Coord. do Programa de Pós Graduação em História Social, professor do Programa de Pós Graduação e do Departamento de História da Universidade Federal do Amazonas/Brasil. Líder do Grupo de Pesquisa Gênero, Sociabilidade, Afetividade e Sexualidade. Coord. do Laboratório de Estudo de Gênero. Publicou Livro, Capítulo de Livro, artigo em revista nacional e internacional.

** Mestre em História pela Universidade Federal do Amazonas. Doutoranda da UFMG. Pesquisadora do grupo de pesquisa Gênero, Sociabilidade, Afetividade e Sexualidade. Membro do Laboratório de Estudo de Gênero. Publicou capítulos em coletâneas e artigos em revista nacional e internacional.

a imprensa vinculava uma serie de prescrições sobre o comportamento feminino em suas páginas. Essas novas reformulações e ordenações de práticas de sociabilidade e civilidade feminina encontrava eco na principesca sociedade burguesa brasileira do século XIX.

Palavras Chaves: Sensibilidade; Feminilidade; Afetividade; Viajantes.

Abstract


This article aims to investigate the construction of the framing of women in the city of Nossa Senhora do Desterro (nowadays known as the city of Florianópolis / SC) and the city of Manaus / AM by the eyes of foreign travelers who visited these regions during the nineteenth century . Eager for the new world discovery these travelers have formulated ethical and moral judgments about the people they visited. However we must remember that travelers did not have a linear look at the customs and traditions of these peoples. Their gaze was coming from their intellectual and moral formation. Among them there are adventurers, botanists, doctors, engineers and mercenaries. Without understanding which moral, ethical and cultural principles these women were situated and unaware of the dynamics of Brazilian society travelers formulated their value judgments based on the European cultural universe which they were in. It can be said that not only travelers have questioned the attitudes and behavior of the female population of the studied locations. On that time the press tied a series of restrictions on women's behavior on its pages. These new reformulations and ordinances of sociability practices and female civility found an echo in the princely Brazilian bourgeois society of the nineteenth century.

Key words: sensitivity; Femininity; Affection; Travelers.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo investigar la construcción de las imágenes de las mujeres en la ciudad de Nuestra Señora del Exilio (actual ciudad de Florianópolis / SC) y la ciudad de Manaus / AM a los ojos de los viajeros extranjeros que visitaron estas regiones durante el siglo XIX. Ansioso para el nuevo mundo de descubrimientos estos viajeros han formulado juicios éticos y morales sobre las personas que visitaron. Sin embargo, debemos recordar que los viajeros no tenían un aspecto lineal a las costumbres y tradiciones de estas poblaciones. Su mirada era procedente de su formación intelectual y moral. Entre ellos encontrar aventureros, botánicos, médicos, ingenieros y mercenarios. Sin entender que los principios morales, éticos y culturales de estas mujeres (conservado) y ajeno a la dinámica de la sociedad brasileña, los viajeros han formulado sus juicios de valor desde el universo cultural europeo en el que fueron consignados. Se puede decir que tienen no sólo los viajeros que cuestionaron las actitudes y comportamientos de la población femenina de los lugares estudiados. Durante este periodo la prensa ató una serie de disposiciones sobre el comportamiento de las mujeres en sus páginas. Estas nuevas reformulaciones y ordenanzas de las prácticas de sociabilidad y la civilidad femenina encontraron un eco en la sociedad burguesa principesca brasileña del siglo XIX.

Palabras clave: sensibilidad; feminidad; afecto; los viajeros.

 calor cedia lentamente seu espaço para chuva que finalmente começa a chegar. O Rio Negro e Solimões escorriam faceiramente pelas terras do Amazonas. Na missa de domingo na igreja matriz, no seu termino não se falava outra coisa. O grande baile espalhava-se pelas bucólicas esquinas manauaras: ruas, becos, lojas, ruelas, bodegas, casa de secos e molhados, barbearia, gabinetes oficiais, mercado público e no porto. O sol tinha reinado solenemente sobre a floresta, agora, no refrescar dos dias pelas chuvas a cidade de Manaus na sua inquietude fervilhava entre cochichos.

Todos comentavam e esperavam ansiosos pela noite de 8 de novembro “Desacostumada animação reina desde alguns dias em Manaus” (AGASSIZ, 1979: 173) não se comentava outro assunto que não fosse o grande baile em homenagem ao Sr. Tavares Bastos no Palácio do Governo “Este é o nome invariavelmente dado à residência do Presidente, mesmo quando não passe de pequena casa, modesta demais para carregar tão pomposo título”. (AGASSIZ, 1979: 173)

E na noite do grande baile nas ruas escuras ao redor do palácio iam surgindo grupos de pessoas apressadas andando a pé, “o luxo de carruagem é totalmente desconhecido”, com seus lampiões acesos a iluminar as ruas escuras da cidade de Manaus. “Aqui e ali, pelo caminho, viam-se, num canto de rua, surgir do escuro uma toaleta de baile saltando com cuidado por cima de poças de lama” (AGASSIZ, 1979: 174) formada pela chuva que caiu em abundancia no começo da noite. O salão iluminado por grandes lampiões, as cortinas aveludadas no tom azul escuro, vinho e branco que cintilavam na penúria da bucólica iluminação, formava um ambiente com ares românticos. Em todos os lugares que a vista alcançava viam-se olhares entrecruzando-se. Ouviam-se sussurros ditos em segredos e os gestos languidos de amabilidades preenchia o salão. Foi dentro dessa atmosfera, que o casal de viajantes francês Luiz e Elizabeth Cary Agassiz, tece comentário sobre a *toilettes* feminina.

Entretanto, quando todos já haviam chegado, observei que nenhum dos vestidos sofrera seriamente com a caminhada. Era grande a variedade de toaletes; sedas e cetins roçavam-se com lãs e musselinas, e os rostos mostravam todas as tonalidades, [...]. (AGASSIZ, 1979: 174)

Apesar de registrar os modos de sociabilidade e urbanidade dos convidados presentes ao grande baile de 5 de novembro 1866 e descrevê-lo como um

ambiente harmonioso, familiar, requinte e bom gosto, contudo, o excessivo culto da sociedade manauara pelos códigos de etiquetas sociais mereceu uma austera observação:

Reina geralmente certo constrangimento na sociedade brasileira, mesmo nas grandes cidades; com mais forte razão nas pequenas, onde, para evitar qualquer erro, se exagera ainda mais o rigorismo das convenções sociais. Os brasileiros, com efeito, tão hospitaleiros e bons, são muito formalistas, enfatuados de etiquetas e cerimônias. (AGASSIZ, 1979: 174)

Cerimoniosa e cheia de etiquetas a sociedade manauara do século XIX perfilava nos seus salões distinções e regras precisas sobre o comportamento feminino nas festas realizadas em seus salões repletos de modos e modas.

As damas, ao chegarem, vão sentar-se em fila nas banquetas colocadas ao longo das paredes do salão de danças; de tempos em tempos, um cavalheiro avança corajosamente até essa formidável linha de encantos femininos e diz algumas palavras; [...].(AGASSIZ, 1979: 179)

Entretanto, só depois de algum tempo, quando o sorriso farto ressoa nos delicados, cheirosos ouvidos desprevenidos e o olhar a perde-se pelos fetiches do salão em música, com o calor do champanhe a ruborizar o rosto e o corpo a balançar suavemente é que a festa começa a torna-se realmente alegre. Neste auge da festa senhoras e senhoritas sorriem enquanto verificavam os detalhes da *toilettes* e gesticulavam descontraidamente e os jovens e maduros cavalheiros desfilam pelos quatro cantos do salão a demonstrar sua virilidade, romantismo, galanteio, afetividade, gentileza, prosperidade, sedução e sociabilidade.

Sobre o fundo de um modelo de virilidade, eles põem em jogo a dificuldade de ser homem e reagem ao molde da autocoeção masculina que, na época, impõe calma, gravidade, e em que o domínio se faz critério de educação. (VICENT-BUFFAULT, 1996: 169)

As novas reformulações pedagógicas pertencentes ao mundo cosmopolita requeriam um olhar que desvende e revele os códigos de etiquetas e incorporar seus significados é um exercício constante. Os salões de festa tornavam-se palco, lugar privilegiado para o desenvolvimento suave dos gestos e das palavras.

A servir-se simultaneamente dos lindos braços e dos cotovelos lisos, movendo-se enquanto se dedilhava a harpa, do encanto da voz nas três ou quatro modinhas decoradas muito a custo, ou das sonatas ao

piano, onde o corpo, entregando-se à música, insinuava abandonos mais completos e inconfessáveis. (SOUZA, 1987: 92)

Lugar das mutações possíveis o baile como lugar da festa e da sedução e marcado também pela indumentária, jóias e perfume, “entre todos os elementos que entram em jogo no exibicionismo da festa, a moda é um dos mais eficientes. Uma conexão íntima sempre a ligou às reuniões sociais, [...]”. (SOUZA, 1987: 151) Neste sentido podemos dizer que o traje inserido na moda confere altivez e desenvoltura pelos principescos salões burgueses do século XIX. Encantar e dominar as representações de um mundo em constante mutação passa pelo domínio das sensibilidades e pelo controle dos instintos. A simbiose entre indivíduo e urbano no século XIX solicitava um encontro com as simbologias e seus significados. Necessário, portanto estar e ser no urbano e na privacidade. “[...], a cidade é o lugar da construção da modernidade, ou, melhor dizendo, a metrópole é a forma mais específica de realização da vida moderna”. (PENSAVENTO, 1999: 26) Era nos salões de dança e no teatro que se refinava as sensibilidades, as emoções, as etiquetas e se reafirmavam as convenções sociais. [...], abre-se à experimentação aceleradas, à área moderna e voluntaria das rupturas e “revoluções”. (LIPOVETSKY, 1989: 94)

Na cidade de Nossa Senhora do Desterro no século XIX em dias de bailes além do luxo e bom gosto algumas mulheres usavam de estratégias para bailarem pelos salões desterrenses. Nestas oportunidades os jogos de olhares e de sedução estavam presentes em cada gesto contido. Mas ao som da melodiosa orquestra corpos bailam em movimentos delicados, mãos que se tocam na delicadeza dos gestos entre olhares que cobiçam em beijos roubados ligeiramente e sorrisos de entregas. *Se alguns* “beijos são dados para curar e acalmar, há outros que transmitem poderosas forças mágicas”. (ENFIELD, 2008: 25) O baile provoca, instiga e torna-se palco para os vários exercícios de sociabilidade e afetividade. Exibir-se com suavidade e delicadeza no bailar da música cria um momento de cumplicidade e de encantamentos provocado pelo calor dos corpos muito próximos. Tempo de ruborizar o rosto escondido pela tênue iluminação que teimosamente saia dos castiçais com suas fumaças enegrecidas. Poder-se-ia dizer que esses encontros de sociabilidade transformavam-se em lugar da afetividade e dos encontros amorosos.

Com o título: "Novo método de ir a bailes sem convite", assinada pelo "Kikiriki", o jornal Argos publica em crônica as artimanhas de uma moça para participar de um baile.

Uma dama, moçoila, mui presumida, e que morre por casar, sabendo em determinado dia que tinha de haver um baile, bebia os ares para ir á ele, afim de ver um gentileman de sua predileção que lá devia achar-se, mas como não o podia fazer por não ter recebido convite, estudou um meio fácil de conseguir o seu intento. (JORNAL, O ARGOS – 31-07-1861)

Diante do que considerava comportamento inadequado para uma moça de família o fuxiqueiro "Kikiriki" sentencia:

Sem ser convidada, e nem a família saber! A loção é excelente: o barrete um tanto apertado; mas não deixará de servir a alguém. (JORNAL, O ARGOS – 31-07-1861)

Diante do olhar e do controle materno em dias de bailes, havia sempre a possibilidade diante das oportunidades que iam surgindo para certos encontros amorosos, como este denunciado por "Tabaco e Tigela". Sua reprimenda pública se dava diante de sua indignação com os namoricos das meninas moças que segundo ele dirigiam seus olhares para homens casados. Tabaco e Tigela diante do que observava no baile chamam atenção das famílias das moças diante desse comportamento ultrajante, pois no seu entendimento essa atitude não é própria para reputação de uma moça.

Previne-se às mães de família que vão a bailes de evitarem suas filhas namorarem a homens casados, como uma mocinha que eu cá sei, que, para ter entrada nos bailes, vê-se forçada a namorar um homem casado, e como vejo que isto não é próprio para a reputação de uma moça, por isso previno por este anúncio, para não continuar a praticar semelhantes abusos. (JORNAL, O ARGOS – 14-11-1856)

Nas descrições picantes do viajante suíço-alemão Carl Friedrich Gustav Seidler que fez sobre o comportamento das mulheres de um povoado de pescadores no litoral próximo a Ilha de Santa Catarina corpos em lúdicos desejos se fizeram presentes. Sua narrativa ocorre quando este chega ao povoado da Armação das baleias. Em sua homenagem e de seus amigos um velho pescador que Seidler conhecerá no mercado público do Desterro oferece um jantar. Logo após, iniciou-se um baile. "[...], e começa o baile mais indecente que jamais tive a honra de ver, ao som harmonioso daquele infernal moinho de café, acompanhado por palminhas das damas e seu cantante vozeiro". (SAIDLER, 1980: 247)

E diante da languidez dos corpos femininos em movimentos cadenciados na leveza da canção acompanhada “por palminhas das damas e seu cantante vozeiro” seu atento e aflito olhar em pecados perscruta:

As mais repugnantes contrações musculares, obscenidades murmuradas em voz baixa ou cantadas alto ao compasso da música, contatos cadenciados e nojentas concretizações de atitudes dos mais lúbricos desejos, caracterizavam todos os movimentos. (SEIDLER, 1980: 247)

E diante das filhas de pescadores que dançavam e se divertiam formulou juízo ético diante das práticas de afetividade e de sociabilidade da população feminina da Armação das baleias.

Uma européia teria corado de vergonha à contemplação de tais cenas, mas as nossas belas, divertidas filhas de pescadores, parece que não achavam, apenas sentiam extraordinária cócegas e grande prazer naquele folguedo reles. (SEIDLER, 1980: 247)

E para fugir das jovens filhas de pescadores o viajante e seus amigos não sentiam a menor vontade de participar daquilo que ele classificou “divertimento imoral, naquele barbaresco dispêndio de esforços”. Seria para o viajante e seus companheiros de viagem a dança o desperdício de forças?

Naturalmente não tardou que nos sentíssemos em extremo entediados com a coisa, pois nenhum de nós se sentia tentado a tomar parte naquele divertimento imoral, naquele barbaresco dispêndio de esforços, além de que nos sentíamos muito fatigados da penosa cavalgada. (SEIDLER, 1980: 247)

Diante de tanta imoralidade não restou alternativa para o nosso respeitador e moralista Seidler a não ser o repouso dos anjos inocentes.

Por isso pela madrugada nos estendemos sobre a grande cama de casal existente na sala do baile e sem embargo do barulho dormimos ainda alguns minutos bem descansadamente. (SEIDLER, 1980: 247)

Sobre amáveis cidadãs da capital da província de Santa Catarina relata ainda que falar da Europa era gratificante na medida em que provocava a mais viva atenção das famílias que visitava. Nas conversas que corriam soltas as mulheres tinham curiosidade por temas referentes "a moda", "fidelidade" e "amor" eram assuntos preferidos das mulheres. O suíço-alemão, mercenário e aventureiro, deixa transparecer no seu relato que esses momentos experimentados por ele e seus

amigos foram gratificantes na medida em que eles se sentiam participes da intimidade familiar.

De cada vez crescia a confiante amizade dessas livres filhas da natureza, de modo que em pouco tempo nos sentíamos tão íntimos, tão confortados no círculo dessa boa gente como se fosse nossa família; eis que em breve eu deveria romper esses laços, de tão bom agrado alimentado, sem desconfiança e sem segundas intenções, e voltar ao meio dos mulatos do Rio de Janeiro. (SEIDLER, 1980: 261)

Em nenhum momento de sua narrativa Seidler tenta compreender qual juízo ético fundamentava as práticas afetivas das mulheres da comunidade em que se encontrava. Ao omitir uma leitura que levasse seus leitores ao entendimento do que acontecia nesta região, Seidler provoca a imaginação do leitor, para que este elabore a mulher sedutora do Brasil e em particular da mulher da Ilha de Santa Catarina. Avaliando as condutas das mulheres, a partir de princípios morais pretensamente universais, as narrativas refletem esses valores, que eram destinados a leitores que a princípio pertenciam ao mesmo universo cultural de Seidler. Se não tivermos isto em conta, incorremos no mesmo erro do viajante, de não perceber outras leituras capazes de revelar os princípios éticos subjacentes às práticas sociais das mulheres das regiões que visitava.

Interessante o olhar do viajante ao revelar sempre novas imagens sobre as mulheres com quem dividiu horas de amabilidades, cuidados e gentilezas. Ora induz seus leitores a imaginar que o viajante viveu intensamente de orgias além mar. Onde mulheres em “As mais repugnantes contrações musculares, obscenidades murmuradas em voz baixa” se ofereciam em lúbricos desejos, ora surpreso de encontrar e conviver com mulheres brancas de intensa vida de sociabilidade e afetividade coisa que não ocorreu em outras regiões que visitou.

Na proa de uma chalana, o francês Robert Avé-Lallemant se aproxima da cidade de Manaus. Um luar opaco tornava as formas da floresta ainda mais misteriosas; tão intrigante e instigante quanto a indiferença da população cabocla que encontrou nas beiradas dos barrancos que margeiam os rios Negro e Solimões.

Nunca esqueci os estranhos grupos, de pé, na beira da margem, as crianças inteiramente nuas e os adultos meio vestidos, todos com a mesma expressão de indiferença, todos com a mesma cara, homens, mulheres, crianças! (AVÉ-LALLEMANT, 1980: 100)

E na medida em que a chalana deslizava suavemente pelas águas do rio Negro numa manhã ensolarada enquanto bebericava uma xícara de café contemplando o virgem amanhecer da floresta sobre uma orquestra de cantos de variados pássaros e cores e o bailar das garças em vôos rasantes. Absorvido pelo tranqüilizador do momento de encantos o médico Avé-Lallemant rompe sua intropesquição diante a singeleza da cena que seu olhar atento pescou na beirada do barranco. “De uma vez, vimos mesmo diante de sua habitação toda uma família tapuia completamente nua; só a mulher trazia uma saíha azul muito curta; [...]” (AVÉ-LALLEMANT, 1980: 100). E na manhã chuvosa de 27 de junho de 1859 ancoramos perto da cidade de Manaus.

Ainda mais alegre parecia do lado da cidade, onde tudo se sucedia no mais alegre contraste. Terras altas e baixas – casas nos oiteiros e á beira da água – sólidos edifícios em estilo europeu, primitivas casas tapias de barro – ora rua, ora igarapé – ali na estrada, aqui uma comprida ponte de madeira; junto à margem, um vapor; perto dele, uma canoa do Amazonas; numa porta, boceja uma cara branca; bem perto daí, banha-se um menino fusco – e assim tudo gira, pára, anda e nada confusamente. (AVÉ-LALLEMANT, 1980: 100)

A cidade de Manaus encanta e provoca distanciamento. Diante da sua narrativa nas entrelinhas deixa transparecer que Manaus é pequena, ociosa e cansativa no seu relevo. O médico francês ao vivenciar essa ambigüidade diante do seu olhar e o que desejava ver, revela: “Manaus está na verdade lindamente situada. As ruas da cidade, se é que se pode falar de ruas ou duma cidade, consistem em meros laços, térmicos, esquinas e interrogações”. (AVÉ-LALLEMANT, 1980: 101)

A alta taxa de fecundação feminina chamou atenção do médico viajante. “As mulheres têm quase cada ano um filho, [...], na maioria, casam muito moças, esse processo de dar vida, vai até dúzias de rebentos”. (AVÉ-LALLEMANT, 1980: 104) Ao visitar um amigo comerciante estabelecido na cidade por longos anos surpreendeu-se com os 14 filhos do Sr. Tapajós. Tinha ele 4 filhos do primeiro casamento e outros 10 com sua segunda esposa ainda robusta e jovem. Diante do barulho das crianças a brincar e ao ver a esposa ainda robusta e jovem com muito zelo e dedicação, cuidando da imensa prole, percebia as dificuldades cotidianas que a mãe passava para dar todos os recursos educacionais. Segundo ele se nas grandes cidades já se tornava tarefa nada fácil de ser obtida imaginava como poderia ser em Manaus.

Mãe de boa família branca deseja que as crianças, particularmente as meninas que estão crescendo, andem decentemente vestidas, e o pai cuida sejam devidamente educadas. Aprendem música em casa, e estudam francês e italiano, tudo através de infinitas dificuldades. (AVÉ-LALLEMANT, 1980: 104)

Foi nos festejos juninos que o médico viajante entrou em contato com os cheiros e odores do povo no adro da igreja matriz. E ao se misturar sentiu náuseas diante daqueles cheiros e odores exalados pelo povo nas festividades de São Pedro e São Paulo, compara a festividade ao carnaval parisiense. “A propósito devo consignar que o odor do povo de Paris, por ocasião dessas aglomerações, é extraordinariamente penetrante, [...]”. (AVÉ-LALLEMANT, 1980: 109) Convidado o viajante perscrutador aceitou de bom grado convite para se juntar a um grupo que preparava o almoço fruto da caça de formigas muito apreciada pelo paladar da população branca e indígena.

Apesar de se sentir nauseado diante do almoço que aquele grupo de pessoas lhe oferecia e ter recorrido a medicamento para aliviar os enjôos não deixou de apreciar com detalhes os trejeitos de inocência da espevitada menina moça que participava do almoço com sua família. “Uma das netas, linda rapariga de 20 anos e fartos cabelos negros, com a boca mais fresca e os dentes mais bonitos que se pode imaginar”. Poder-se-ia dizer que foi ao apreciar a beleza ainda selvagem, inocente e “dentes mais bonitos que se pode imaginar” que o coevo viajante francês encontrou guarida para seu sofrimento estomacal. Se o enjôo incomodava e causava desconforto não foi, contudo empecilho para que seu olhar repleto de inquietações observasse a anatomia feminina através do vestuário.

Consistia na maioria das vezes numa camisa e saia. [...]. Sempre limpa, freqüentemente com bordados e, sobretudo aos domingos, [...], deixar ver alguns dedos de corpo nu, em volta do cós da saía, [...] e os seios ficam cobertos. Isso, na orla da floresta virgem, é encantador e dá uma impressão de ingenuidade. (AVÉ-LALLEMANT, 1980: 116)

Logo após a missa de domingo pela manhã, enquanto conversava em frente do adro da igreja de Nossa Senhora dos Remédios não pode deixar de perceber a sensualidade da *toilettes* feminina.

Os vestidos claros, domingueiros, de tecidos leves quase transparentes, assentavam sobre as formas admiráveis das raparigas, [...]. A cada passo o tecido fino da camisa abotoada no pescoço tremia sobre os seios firmes e elásticos, cuja exuberância não precisava ser sustida por nenhum colete.

[...]. E gostei infinitamente da tranqüila atitude de recolhimento daquelas bonitas figuras trigueiras. (AVÉ-LALLEMANT, 1980: 119)

Lallemant embevecido diante do que observa detalhadamente e com certa ansiedade que vem a superfície não se omite diante de tanta sensibilidade e amabilidade. Entre gestos delicados, olhares atenciosos o viajante lentamente vai cultivando laços ternos de amizade. “[...], conferindo-lhe uma legitimidade moral”. (VICENT-BUFFAULT, 1996: 155)

Em suas andanças pelo Rio Negro, e em contato com a população ribeirinha, branca, mestiça, indígena e tendo essa aproximação, ido além das representações de urbanidade, pois o viajante em muitas localidades conviveu do espaço de sociabilidade e afetividade participando de quermesse, missa, festejos religiosos, almoço, pescaria e visitas de cordialidade que lhe proporcionaram momentos de leveza e momentos de melancolia. Nestas localidades conviveu com o sexo feminino e tendo lhe chamado atenção os trajes que consistia segundo seu olhar afoito de “uma bonita tanga de miçangas de 8 polegadas de largura e de 3 de altura, provida de colchetes e botõezinhos – e tudo isso em cima duma fresca jovem fusca das florestas”. (AVÉ-LALLEMANT, 1980: 120) Antes que seus leitores tirem conclusões precipitadas absolve a natureza selvagem e radiante de qualquer valor moral diante das práticas de convívio da população feminina destas localidades. Em defesa delas o viajante assevera:

As mulheres no Rio Negro conservam na floresta o sentimento do pudor, inato no texto frágil, desde a perda do paraíso, que eu não deparei entre as botocudas. O menor trapo de pano, porém, basta-lhes para atender a esse sentimento. (AVÉ-LALLEMANT, 1980: 121)

O pudor feminino nestas ocasiões empresta o cuidado necessário diante das artimanhas que uma palavra confere ou um olhar desprevenido revelador e até mesmo um gesto casual. “[...], considerados expansivos demais, é difícil saber quais são as atitudes mais adequadas à sensibilidade feminina”. (VICENT-Buffault, 1988: 164). Os manuais de comportamento para o sexo feminino no século XIX eram repletos subentendidos que orientavam a mulher diante das investidas masculinas. Simular a entrega fazia parte dos jogos femininos “confinadas à existência diurna do recato, retirando-se silenciosamente para seu canto assim que iluminava o gás dos salões” (SOUZA, 1987: 94) diante de um mundo controlado e produzido pelos homens. Rousseau esbraveja “A mulher sem pudor é depravada”, o padre La Moyne assevera que “Nada é tão natural na mulher como o pudor, [...],

é um véu que ela não compra e que não custa a fazer. Nasce, forma-se, cresce com ela”. Rétif de la Bretonne ao ser parado na rua por uma prostituta vocífera “Renunciaste ao pudor do teu sexo; já não és uma mulher, [...]”.(BOLOGNE, 1990: 11)

Neste sentido, podemos perceber que o olhar dos viajantes não era linear. Alguns se diferenciavam na maneira de perceber a mulher no espaço público. Uma destas distinções poderia ser de ordem moral. Condiçnados por valores provenientes da cultura européia, os viajantes ao vivenciarem os usos e os hábitos da população da Ilha e de Manaus não estavam isentos de um pré-julgamento. É bom lembrar que, mesmo sendo filhos da cultura européia, os viajantes tinham formação, experiências e interesses diversificados, que transparecem nos seus relatos e na maneira de ver os mesmos objetos.

Entretanto como nada do que é bom dura para sempre chegava ao fim a estadia de Robert Avé-Lallemant em Manaus. Nostálgico entrega-se as doces lembranças do Amazonas. Principalmente das delicadas e graciosas damas e senhoras irrefletidas que em muitas ocasiões o jovem médico tratou de cuidar das mais intensas e saborosas dores, sejam elas espirituais ou físicas que com tanta prestabilidade se propunha a curar. Podemos perceber nas entrelinhas do seu relato que a toilette feminina poder-se-ia dizer tinha a sua preferência diante do encantamento e da sensibilidade que despertava no viajante. “As toilettes das senhoras eram em grande parte bonitas, muitas de gosto mesmo, nenhuma ridícula. Agradaram-me, porém, sobretudo, as maneiras discretas de todos”. (AVÉ-LALLEMANT, 1980: 152)

Longa e penosa foi sua ida de Nossa Senhora do Desterro a Lage/SC. Por caminhos ermos, travessias de riachos e subida da serra castigaram suas costas. A dor lombar deixou o viajante mal humorado em grande parte do percurso. Sua dor encontra considerável melhora nos aposentos da casa do alemão Senhor Trüter Kelling que escolheu Lages para desenvolver seu comércio de secos e molhados. Logo que teve oportunidade o coevo viajante saiu para conhecer o que qualificou de horrível essa vida em Lages. E quanto mais conhecia a pequena vila e ouvia histórias do seu amigo alemão mais Lallemant discorreu sobre a vida de imoralidade e indecências que corriam soltas pelas ruas, bioscas e ruelas da “erma Lage” do século XIX.

A apavorante feiúra das mulheres de Lages que encontrou comprando meias, botas e chalés que encontrou na loja do senhor Kelling o deixou impressionado. Observando atentamente o comportamento dessas mulheres

conclui então que se tratava de um grupo de prostituta sem, entretanto explicitar que sinal exterior leu como prática de prostituição. Sobre as mulheres de outras camadas sociais assevera que as mulheres serranas por sua beleza ou pelo menos aquelas com quem conviveu não lhe chamaram atenção por sua graciosidade ou beleza. Contudo o médico francês não deixou de notar os atributos físicos das lageanas que muito lhe chamaram atenção.

De um modo geral são tão bem providas pela natureza que absolutamente que absolutamente não tinham necessidade de ampliar sua periferia. Notavelmente raro é que estas serranas, mesmo quando se vestem com apuro, usem meias; e os negociantes de Lages, que conhecem perfeitamente os artigos de moda adquiridos pelas senhoras, afirmam que as botinas de laços parisienses são geralmente usadas com o pé nu. (AVÉ-LALLEMANT, 1980: 86)

O francês Auguste de Saint-Hilaire, naturalista, em sua viagem pela província de Santa Catarina, em 1820, avaliza o registro que Miguel de Brito fez sobre a cordialidade e sociabilidade da população feminina e confirma o que um abade beneditino em 1763, registrou sobre a beleza feminina.

As mulheres são muito claras; de um modo geral têm olhos bonitos, os cabelos negros e muitas vezes uma pele rosada. Elas não se escondem à aproximação dos homens e retribuem os cumprimentos que lhes são dirigidos. Já descrevi os modos canhestros das mulheres do interior, que ao saírem à ruas caminham com passos lentos umas atrás das outras, sem virarem a cabeça nem para um lado nem para o outro, e sem fazerem o menor movimento. Não acontece o mesmo com as de Santa Catarina. (SAINT-HILAIRE, 1979: 173-174)

Também constata que as mulheres da Ilha têm predileção por uma vida de luxo e que os homens em muitas ocasiões se sacrificam para atender as exigências de suas esposas e amantes por uma vida de luxo e conforto.

As mulheres são em geral agradáveis em suas maneiras; observam cuidadosamente os seus deveres domésticos; são prendadas, industriosas, e fecundas: as mais nobres, ou as mais polidas e civilizadas são dotadas de muita urbanidade, de maneiras dóceis, e meigas; são inclinadas aos divertimentos; sabem cantar, tocar alguns instrumentos de cordas, dançar, e não se observa nela aquela bisonhice, que se encontra nas mulheres de outras Capitânicas do Brasil. (BRITO, 1932: 74)

Paulo José Miguel de Brito, 1797, também ficou admirado dos modos sociáveis das mulheres desterrense. Ao comparar as mulheres da Ilha com as de outras regiões do Brasil, pondera que não encontrou nas mulheres de outras paragens a "polidez, urbanidade e boas maneiras", que tinha percebido nas mulheres da Ilha de Santa Catarina.

[...]. vi huma brilhante companhia de senhoras e de homens, das famílias mais distintas do paiz, e huma numerosa orchestra, em que havia e se tocarão todos os instrumentos de sôpro, e de cordas, com harmonia e bom gosto. Cantarão minuets, contradanças e valsas, tudo segundo os usos da Europa. Fiquei admirado de encontrar tudo isto em huma terra tão pequena do Brasil, e n'hum paiz, cujo aspecto então me havia indicado somente a abundancia de estupidez, e a falta de civilização, tanto no physico, como no moral. [...], em nenhuma das terras em que estive, observei nas senhoras a polidez, urbanidade, e boas maneiras, que tinha encontrado nas de Santa Catarina; qualidades estas, que depois melhor conheci durante os annos que alli residi. (BRITO, 1932: 174)

O naturalista Georg Heinrich von Langsdorff que esteve na Ilha de Santa Catarina, em 1803, e permaneceu nesta região até fevereiro de 1804, registrou a sociabilidade e a elegância das mulheres.

As representantes do sexo feminino não são feias e entre as mulheres de classe mais alta estão algumas que, mesmo na Europa, teriam motivos para se afirmarem como beldades. Na maioria são de estatura média, bem constituídas, de cor castanha ("basané"), se bem que algumas são muito claras, têm fortes cabelos pretos e olhos escuros e sensuais; [...]. Presentes europeus, mesmo os mais insignificantes, como fitas, brincos, etc., são gratamente recebidos. (LANGSDORFF, 1984: 163)

Louis Isidore Duperry, 1822, na sua perspicácia, perscrutou particularidades entre a população feminina do Litoral Continental e a população da Ilha de Santa Catarina. E entre as particularidades, aquelas pertinentes as práticas sociabilidade e afetividade. Em relação ao vestuário das mulheres do Desterro, encantou-se pela elegância e bom gosto. "As senhoras adotaram as modas francesas; e, trajadas com simplicidade e elegância elas atraem as homenagens. São cheias de vivacidade. Vimos algumas que eram lindas". (DUPERREY, 1984. 264)

A respeito das mulheres que habitavam o Litoral Continental, observou que apesar da simplicidade das roupas as tornavam elegantes na sua inocência em vestir-se.

Embora ponham um certo esmero em seus adornos, elas usavam vestimentas simples de uma beleza notável. Um vestido leve de chita que desenha uma estrutura bem apanhada, algumas flores colocadas com arte sobre a bela cabeleira, lhes dão um ar provocante. Elas possuem aquela coqueteria tão comum ao seu sexo, [...].
(DUPERREY, 1984: 254)

O relato mais surpreendente sobre as mulheres do litoral de Santa Catarina foi o do aventureiro suíço Heinrich Trachsler (1828), na "Vila de São Francisco de Laguna". Diante do viver cotidiano dos moradores observou que são polidos, bons comerciantes, esforçados, trabalhadores e abastados. "Em toda parte fomos recebidos atenciosamente inclusive pelo belo sexo", diante desta amabilidade todo batalhão arrumou namorada, "e pouco importava aos soldados se eram brancas ou pretas". O aventureiro suíço Trachsler, registrou como sucumbiu, ao primeiro olhar, aos encantos da querida Francisca. Conta ele que,

Enquanto vadiamos até a extremidade da Vila, fomos cativados por um belíssimo rosto de Madona e ficamos como que paralisados. [...]. Debruçada a meio corpo fora da janela, avistamos, tomados de encanto e dignos de inveja um opulento e ondeante colo, cuja brancura e volume harmonioso transpareciam velado, traiçoeiramente, por um simples e leve vestido de trabalho caseiro; por aí chegava-se à conclusão dos ricos e viçosos encantos desta Psique tropical.
(TRACHSLER, 1984: 324)

Enquanto isso, em Manaus, Paul Marcoy relata que seus dias "foram conscienciosamente divididos entre trabalhos, banhos, siestas e passeios" pela cercania da cidade e longos e demorados banhos nos igarapés espalhados pela cidade. A elegância dos homens e das mulheres impressionou muito o viajante que assevera.

A adoção da moda francesa pelas pessoas abastadas, [...], permitem facilmente perceber que deixamos para trás a barbárie, [...], onde se unem todas as correntes geográficas, intelectuais, políticas e comerciantes do país. (MARCOY, 2001: 169)

Segundo nosso poético viajante na cidade da Barra do Rio Negro os maridos cultivam o feijão e preparam e o cozinham com tocinho. E finaliza suas

observações e seus estudos sobre os usos e costumes da cidade e da população afirmando o prazer que sentia em estar nesse convívio aconchegante que usufruía nos seus banhos tendo por companhia as risadinhas e brincadeiras inocentes das belas e doces selvagens com seus longos cabelos negros.

Alfred Russel Wallace, 1862, ao viajar pelo Amazonas atesta a veracidade do que muitos viajantes estrangeiros falaram sobre a elegância, bom gosto, requinte e a moda francesa que corria solta pelos salões sociais manauara.

Como era de se esperar nessas circunstâncias, a moda é uma de suas maiores preocupações. Aos domingos, na missa, trajam-se todos em grande estilo. As mulheres comparecem elegantísimas, num multicolorido desfile de musselinas e gazes francesas. Suas belas cabeleiras, cuidadosamente arrumadas e adornadas de flores, jamais se escondem sob toucas ou chapéus. (WALLACE, 1979: 110)

Se as mulheres perfilavam suas toaletes elegantíssima nas festividades sociais e religiosas por seu lado os homens se transformavam nestas ocasiões em verdadeiros cavalheiros.

A seu lado, os cavalheiros, que durante a semana ficaram nos seus imundos armazéns em mangas de camisa e chinelos, agora trajam finíssimos ternos pretos, chapéus de feltro, gravatas de cetim e botinas de verniz de cano bem curto. (WALLACE, 1979: 110)

Outra peculiaridade registrada e a que se refere aos hábitos e costume dos “civilizados moradores da Barra”. Sem ter o que fazer na cidade da Barra do Rio Negro os distintos cavalheiros “Os mais civilizados moradores dedicam-se ao comércio, podendo-se dizer que não conhecem que não conhecem outras diversões a não ser beber e jogar, [...]”. Diante desse cenário, repleto de ambigüidades, que ora cativa ora seu olhar perscrutador censura aquilo que consideração uma população sem anseios e sem ambição. “Suas aspirações pareciam não ir muito além da ostentação de botinas envernizadas e relógios com correntes de ouro”. (WALLACE, 1979: 110)

A missa tornava-se em Manaus do século XIX ponto de encontro da sociabilidade, urbanidade e afetividade. Era no entorno do final da missa que a cidade fervilhava nas suas contradições. É quando todos se encontram na casa de um compadre, amigo ou de familiares. Lugar da manifestação da Fé Cristã, a missa, também se tornava encontro social e familiar. Envolto pela lida da subsistência cotidiana a população de Manaus não perdia a oportunidade de usar a toaleta mais chique, as botas brilhosas e a conversa despretensiosa. Afinal de

contas a missa era uma oportunidade de colocar a conversa em dia. Diante do luxo da população em dias de Missa o jornal do Comercio chama atenção em nota para o excessivo barulho que ocorria em dia de missa no adro da igreja.

Muitas coisas se têm visto em dias de Missa na igreja matriz. Namoricos correndo solto. Mulheres casadas a trocar olhares com cavalheiros. Toaletes extravagantes para solene ocasião. E a conversa a correr solta no adro da igreja durante a celebração da santa missa. Pedimos daqui que as pessoas reflitam diante do seu comportamento inadequado. (JORNAL DO COMERCIO, 08-06-1885)

Em dias de novenas a movimentação é intensa nas cercanias da igreja. Além dos encontros amorosos, do romântico convívio o comércio rolava solto como constatou Barão de Santana Néri em sua visita a Manaus.

Há novenas, à noite, na igreja da paróquia; e nas praças, as pequenas barracas de feira fazem sucesso. O sacro se mistura ao profano com uma ingenuidade encantadora. O brasileiro destas plagas não acredita que Deus deve ser excluído de seus divertimentos. (NÉRI, 1979: 113)

Já as belas da Ilha de Santa Catarina diante da coquetterie em dia de procissão e missa festiva mereceu de um denunciante anônimo em 1857 uma reprimenda pública através das páginas do jornal O Argos, reclamava contra “as senhoras irrefletidas que se animam a entrar na casa de Deus para orar, com o chapelinho na cabeça, como foi visto na igreja do Menino”. (O ARGOS, 22-08-1857)

Conta, Oswaldo Rodrigues Cabral, que a sociedade desterreense sempre foi vista por aqueles que viveram na sua intimidade por grã-fina. “Todos foram unânimes em tecer elogios à grã-finagem do Destêrro, mesmo quando dela havia apenas um pequeno circulo bastante reduzido e de pouca significação”. Muitos viajantes estrangeiros que visitaram a capital da província de Santa Catarina registram em seus relatos uma sociedade em harmonia com a urbanidade e sociabilidade difundida no século XIX. “E, tais elogios, tais referencias lisonjeiras, não raro se fizeram na base da comparação com outros centros, outras comunidades que não lhes pareceram superiores, antes, bem ao contrário...”. (CABRAL, 1979: 17)

A imagem do atraso, as representações da barbárie lentamente iam perdendo espaço e adeptos. Ao mesmo tempo em que se processavam a aterro da praça, ia surgindo os primeiros lampiões, a drenagem dos pântanos era feita, as casas melhoravam de aspectos, o comércio crescia, os clubes musicais se

multiplicavam, os recitais resplandeciam, a cidade de Nossa Senhora do Desterro aos poucos se inseria na modernidade. Enquanto ficava para trás áreas consideradas indomável e problemáticas. Escondia-se o feio e imprimia-se uma marca para o belo. Habitar e povoar a cidade moderna e desvendar as ameaças e seu fetiche. Ela se constitui e se forma como espaço de todos mais que exclui tudo aquilo que se encontra fora da cientificidade e daquilo que os agentes da modernidade entendem como moralmente aceitável. A capital da província de Santa Catarina no século XIX ao mesmo tempo em que se entusiasma pelos ventos das transformações e intervenções, receia as imagens das poças d'água espalhadas pelas ruas, terrenos repletos de imundice, sujeira nos córregos e detritos de toda ordem sendo jogado pelas janelas das casas no meio da rua. A cidade de Nossa Senhora do Desterro entre uma epidemia e outra logo voltava seus anseios para urbe repleta de transformações.

Mario Ypiranga Monteiro ao estudar o Boi Bumbá na cidade de Manaus desde suas origens no século XVII ao século XX comenta que nesta festividade ocorre uma profusão entre o mundo sagrado e profano. De certa forma o desejo e a luxúria domina aqueles que participam da brincadeira. A nudez sensual e erótica das mulheres e seus adornos é um traço marcante para quem se diverte nessa manifestação artística cultural amazonense. Mulheres seminuas a representar as deusas que fizeram da floresta espessa sua morada preenche o olhar diante dessa brincadeira cultural. Segundo o autor embora seja uma manifestação artística cultural com fortes laços da cultura indígena não deixa de contar a inserção da cultura branca influenciada pela colonização portuguesa. Interessante observar, diz o autor e que a sociedade manauara sempre foi uma sociedade que se espelhou na cultura inglesa e na moda, luxo e requinte na cultura francesa. Esses elementos foram fundamentais na construção da sociedade e da cultura manauara. As mulheres amazonenses foram sempre desenvoltas diante da sua sociabilidade e afetividade. (MONTEIRO, 2004: 173-178) Heloisa Lara indica que apesar de todas as ambigüidades e contradições do Amazonas ela ganhou ares de modernidade no final do século XIX com início da atividade econômica da extração de borracha. Neste período a cidade ganha as primeiras construções públicas, mercado, iluminação, calçamento e seu teatro na selva. Manaus, faceiramente fervilha em mutações e vive sua *Belle Époque*. Entretanto numa sociedade formada por caboclo, índio, mestiço e branco e ausência de uma elite urbana e “a inferioridade numérica das mulheres nos centros urbanos, sobretudo branca, [...], favorecia um maior controle social sobre seu comportamento”. (COSTA, 2005: 285)

O naturalista, inglês, Henry Walter Bates em sua passagem por Manaus diante das práticas de sociabilidade e afetividade da população formulou juízo ético diante do que via e o que ouvia falar sobre determinadas práticas de afetividade da população manauara. Tal observação o chocou diante do que considerava uma “imoralidade e indecência” e justifica-se dizendo que conheceu outros recônditos pelo interior do Brasil e não constatou esse apego a imoralidade.“[...]. a promiscuidade sexual parecia constituir a regra geral em todas as classes, e os amores clandestinos a ocupação mais importante da maior parte da população”. (BATES, 1979: 24)

Diante de uma vida amorosa de clandestinidade sua cólera diante do que julgou um escândalo moral assevera que nada justifica essa imoralidade sem freios que corre por todas as classes sociais.

Não posso admitir que esse estado de coisas seja uma decorrência obrigatória do clima e das instituições vigentes, pois já morei em pequenas cidades do interior do Brasil onde os hábitos e o padrão de moralidade dos seus habitantes eram tão elevados quanto os encontrados em lugares similares na Inglaterra. (BATES, 1979: 24)

Wallace, Lallemant e Agassiz ficaram surpresos de encontrar grande quantidade de meninos e meninas tomando banho livremente nos igarapés nas cercanias da cidade. Diante de tantas crianças a saltar dos barracos e dos galhos de arvores os viajantes deduzem sem explicitar a partir de quais sinais concluem que essa população infantil deveria ser filhos de mãe solteiras. Talvez a conclusão dos viajantes deva-se ao fato de encontrarem mulheres caboclas na lida cotidiana cercadas de meninos e meninas. Ambos os viajantes não estiveram presente somente nas camadas mais pobres da população. Em residências de comerciantes ou de autoridade também notaram a alta taxa de fecundidade. Em uma visita dominical logo após o almoço o médico Avè-Lallemant diante da algazarra das crianças ao redor da mãe pergunta-se o que seria a educação das crianças numa terra carente de professores e escolas.

Preocupado com os meninos que perambulavam pelo cais, igarapés, mercado em dias de festividades públicas o cronista do jornal A Província de junho 1878 chamava atenção das autoridades diante o que considera uma epidemia a quantidade de crianças andando pela cidade. O mesmo jornal em outubro de 1884 volta a solicitar ao poder público ajuda a Santa Casa de Misericórdia diante das despesas demandadas pelo aumento de crianças colocadas na roda dos expostos.

Mas aos domingos era dia do encontro com Deus e dos passeios frívolos e despreziosos. Onde as conversas amenas, intrigas e fofocas corriam soltas no adro da igreja Matriz.

Vestidas em gases, leves musselinas brancas com chapéus e sombrinhas rendadas, acompanhadas respeitosamente por seus maridos (perfeitos cavalheiros em linho branco engomado) as senhoras seguiam, após assistirem missa na Matriz, em lenta caminhada – como que para fazer aquele instante durar – à rampa do porto, para acenar aos navios que partiam ou receber as novidades dos que chegavam. (MELLO, 1983: 86)

Enquanto isso na longínqua Nossa Senhora do Desterro num domingo de maio ensolarado, o gosto pelos adornos e a vida em sociedade cultivada pelas mulheres da capital da Província mereceu, na segunda metade do século XIX, um questionamento por parte de um pregador. “O predicante do Rosário afirmou, em termos absolutos, que - as jóias, sedas e custosos adornos, com que as mulheres se apresentam, são obtidos à custa de sua honra”. (O DESPERTADOR, 30-05-1868)

Bibliografia

AGASSIZ, Louis. Viagem ao Brasil: 1865-1866 [por] Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz; Trad. De João Etienne Filho, apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. No Rio Amazonas (1859). Trad. Eduardo de Lima Castro. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.

BATES, Henry Walter. Um naturalista no rio Amazonas. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979.

BOLOGNE, Jean Claude. História do Pudor. Trad. Telma Costa. Rio de Janeiro: Elfos Ed; Lisboa, Portugal: teorema, 1990.

BRITO, Paulo Miguel de, Memória Política sobre a Capitania de Santa Catarina, Florianópolis, Livraria Central, 1932.

COSTA, Heloisa Lara Campos da. As mulheres e o poder na Amazônia. Manaus: EDUA, 2005.

DUPERREY, Louis Isidore. "Voyage autor du monde...", Tradução Gilberto Gerlach e Martim Afonso Palma de Haro, In: Berger, Paulo. (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. 2ª. Edição, Florianópolis, editora da UFSC/Assembléia Legislativa, 1984.

ENFIELD, Julie. A história íntima do beijo. Trad. Daniela P. B. Dias. São Paulo: Matrix, 2008.

LANGSDORFF, G. H. Von, Tradução de Dolores R. Simões de Almeida, In: Berger, Paulo. (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. 2ª. Edição, Florianópolis, editora da UFSC/Assembléia Legislativa, 1984.

LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero: a moda e seus destinos nas sociedades modernas. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: companhia das letras, 1989.

MARCOY, Paul. Viagens pelo Rio Amazonas. Trad. Antonio Porro. 1ª. Ed. Em português. Manaus: Edições governo do Estado do Amazonas, Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto e Editora da Universidade do Amazonas, 2001.

MELLO, Thiago de. Manaus, amor e memória. Manaus: Funcomiz, 1983.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. Boi-Bumbá – História, análise fundamental e juízo crítico. Manaus: Edição do autor, 2004.

NÉRI, Frederico José de Santana, Barão de Santana Néri. "O país das Amazonas /Barão de Santa-Anna Nery". Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

PENSAVENTO, Sandra Jatahay. O imaginário da cidade: visões literária do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

SAINT-HILAIRE, Auguste de, Viagem a Curitiba e Santa Catarina, Trad. Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte; Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

SEIDLER, Carl Friedrich Gustav. Dez Anos no Brasil. Trad. Bertholdo Klinger. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

SOUZA, Gilda de Mello e. O espírito das roupas no século XIX: a moda no século dezanove. São Paulo: companhia das letras, 1987.

TRACHSLER, Heinrich. "Reisen Schicksale und Tragikomische Abenteuer eines Schweizers...", Trad. de. Pe. Roberto Hyrobeck, In: Berger, Paulo(org.), Ilha de Santa Catarina; relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX; 2 edição. Florianópolis, Editora da UFSC/Assembléia Legislativa, 1984.

VICENT-BUFFAULT, Anne. Da amizade: Uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

VINCENT-Buffault, Anne. História das Lágrimas: século XVIII e XIX. Trad. Luiz Marques, Martha Gambini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

WALLACE, Alfred Russel."Viagens pelos rios Amazonas e Negro/ Alfred Russel Wallace"; Tradução Eugênio Amado; apresentação Mário Guimarães Ferri.- Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

Jornais – Acervo – Biblioteca Pública de Santa

Jornal O Argos – 14 – 11 – 1856

Jornal O Argos 31-07-1861

Jornal O Despertador 30-05-1868.

Jornal do Comércio – 08 – 06 – 1885